**A MARIOLOGIA DO VATICANO II NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO**

Andressa dos Santos Messiano

CPF 219;297;658-51

**Resumo**

O presente estudo tem por objetivo ceder revisão bibliográfica, concisa, a cerca de como opera a Mariologia no segundo Concílio Vaticano, elucidando como essa é entendida e expressada junto ao pontificado do Papa Francisco.

**Palavras – Chave:** Mariologia. Vaticano II. Pontificado. Papa Franscisco.

**INTRODUÇÃO**

A Mariologia da Igreja Católica é o estudo sistemático da pessoa de Maria, mãe de Jesus, e do seu lugar na economia da salvação, dentro de teologia católica.

Santos (2015) dita que quando se indica a mariologia do Vaticano estando esse ligado a um referido pontificado, tal qual o pontificado do Papa Francisco, denomina-se a Mariologia como sendo dos papas, a qual pode ser descrita como sendo a o estudo teológico da influência que os papas detiveram, ou detém, sobre o desenvolvimento, formulação e transformação de doutrinas e devoções relacionadas com a Virgem Maria da Igreja Católica Romana.

Nesse segmento temático Moura (2016) relata que o desenvolvimento da Mariologia, ao longo dos séculos, foi influenciado por uma série de fatores, entre os quais as diretrizes e/ ou cartas papais, as quais representaram, frequentemente, marcos importantes nessa. Exemplos de influências papais junto a Mariologia incluem os novos dias festivos de Maria, orações, aceitação de novas congregações marianas, indulgências, suporte para aparições marianas (por exemplo, Lourdes e Fátima) e declaração de dogmas marianos.

Sob tal foco Souza (2014) lembra que, ao longo dos séculos, a Mariologia da Igreja Católica Romana vem sendo essa moldada através da ação de teólogos que se baseiam não só na Escritura e na tradição, como também no *sensus fidelium* e nas cartas papais, definindo assim os dogmas marianos, espalhando doutrinas e incentivando a devoções dessa dentro da Igreja Católica.

Nesse ponto é interessante destacar que a Mariologia da Igreja Católica Romana, por se basear no *sensus fidelium* acabou por ganhar mais “força” no segundo Concílio Vaticano (também denominado Vaticano II), o qual cedeu maior “abertura” ao relacionamento próximo entre a Igreja e o mundo moderno, o que deu um melhor dialogo a cerca da Fé a todos.

O Vaticano II foi o vigésimo primeiro conselho ecumênico da Igreja Católica Romana e o segundo a ser realizado na Basílica de São Pedro no Vaticano. O Conselho, através da Santa Sé, abriu formalmente sob o pontificado do Papa João XXIII, em 11 de Outubro 1962, e fechou sob o pontificado do Papa Paulo VI, em 08 de dezembro de 1965. Várias alterações resultaram do Conselho, incluindo a renovação da vida consagrada esforços ecumênicos para o diálogo com outras religiões e a vocação universal à santidade, que de acordo com o Papa Bento XVI, a mensagem mais importante e essencial do Vaticano II é o mistério pascal como o centro do que é ser cristão e, portanto, da vida cristã, o ano cristão, as estações cristãs. Outras mudanças que seguiram desses incluem o uso generalizado de vernáculo, a revisão das orações eucarísticas, a abreviatura do calendário litúrgico, a capacidade de celebrar a Missa de frente para a congregação ou de frente para a Cruz e as mudanças estéticas modernas tal qual o uso de música litúrgica católica contemporânea e arte nas Missas (SOUZA, 2014. Pg. 21).

Nesse contexto Dogness (2015) dita ser interessante ressaltar que desde o Vaticano I uma série de Papas se pronunciaram em temas marianos, sendo essa uma parte fundamental de seu papado, onde, por exemplo, Pio XII invocou o primeiro e único caso de infalibilidade papal a fim de estabelecer um dogma mariano e cedeu a encíclica papel *Mystici corporis Christi*, Leão XIII emitiu um registro onze encíclicas sobre o rosário e João Paulo II dispôs a encíclica papal *Redemptoris Mater*.

Em tempos mais “modernos” o Papa Francisco, se valendo dos indicativos do Vaticano II, ao realizar visita a Coréa, no Dia da Juventude Asiática, promulgando nesse uma solene celebração da Assunção de Maria, corpo e alma, para a glória do céu, em sua homilia, convidou o público coreano a melhor dialogar sua Fé, contemplando Maria, entronizada em glória ao lado de seu Filho divino, como “Mãe da Igreja”, indicando que os Católicos deveriam, por meio de orações a Maria, suplicar ajuda a ser manterem fieis à liberdade real que os foi cedida no dia de seu Batismo.

Diante do supradescrito surge a questão: “Como o Papa Francisco entende e expressa a Mariologia dentro no segundo Concílio Vaticano?”.

Desse modo, o presente estudo tem por objetivo ceder revisão bibliográfica, concisa, a cerca de como opera a Mariologia no segundo Concílio Vaticano, elucidando como essa é entendida e expressada junto ao pontificado do Papa Francisco, ato que o torna o estudo pertinente a pesquisadores, estudantes, profissionais da área e interessados no tema.

**DESENVOLVIMENTO**

No seu primeiro dia como Sumo Pontífice, o Papa Francisco humildemente se dispôs a ir a Basílica de Santa Maria Maior, a maior igreja mariana em Roma, a fim de pedir orientação a Nossa Senhora, Santíssima Virgem, o que, a muitos Cristãos, pareceu impressionante.

Nesse sentido é interessante destacar que, atualmente, a veneração de Maria como Mãe da Igreja, é o aspecto mais mal compreendido do catolicismo, onde tanto cristãos não Católicos como incrédulos, imaginam que os Católicos adoram Maria como um Deus, sendo que os cristãos não Católicos pensam que a adoração a Maria é uma forma de idolatria e os incrédulos se dizem convencidos que a adoração a Maria é a prova de que o catolicismo nada mais é do que uma crença pagã. Nesse contexto Mariano é interessante destacar que, embora não seja necessário que a salvação dos homens advenha da devoção a Maria, Santíssima Virgem, tal devoção é um dos aspectos mais antigos do cristianismo, sendo que o próprio Jesus Cristo venerou sua Mãe, sendo seu povo chamado a imitá-lo por Paulo em sua primeira carta aos Coríntios.

Sob tal temática Santos (2015) lembra que, na história humana, toda vez que a Igreja Católica se torna mais ortodoxa e forte, a Mariologia, em especial dos Papas, se mostra mais evidenciada e aceita na Igreja.

No que tange a Mariologia dos papas é vital, hoje, destacar o papel do Papa Francisco, sendo imprescindível iniciar o preâmbulo Mariano desse relatando sua visita à Coréia, em 13 de Agosto de 2014, a qual, dentre outros objetivos buscou por aproximar dos fieis e as religiões a Igreja Católica Romana a fim de crescer, unificar e multiplicar a Fé pelo mundo, ato esse que é “base”, fundamental, do Vaticano II (CASTRO, 2015).

Vasco (2015), a fim de enriquecer os indicados acima de Castro (2015), lembra que a Ásia é uma das regiões mais promissoras do mundo para a ascensão da Igreja Católica Romana, sendo essa uma das principais razões que levou Papa Francisco a dispor desejos em visitar países asiáticos os quais também seguem, inevitavelmente, relacionados à China, onde existe um desafio diplomático, entre o Vaticano e o governo Chinês, a “abrir” fronteiras ao Catolicismo, ato esse que, inclusive, levou referido Papa a, durante sua visita, reforçar, extensivamente, o tema “diálogo” e o indicativo de que os Cristãos da Igreja Romana, de modo algum, buscam por “invadir” as pessoas e/ ou suas nações e sim trazer mensagens de Fé a todos.

Ainda segundo Vasco (2015), deixando de lado as considerações geopolíticas de tal posicionamento papal, é interessante dar ênfase a ocorrência de apontamentos espirituais muito “fortes” a cerca dos entendimentos e expressões do Papa quanto a Mariologia na Igreja Católica Romana, os quais se fizeram ecoar, por todo o mundo, no decorrer de tal visita. O Papa Francisco, em sua homilia, na solene celebração da Assunção de Maria, corpo e alma para a glória do céu, na Coréia:

* Convidou os fieis a contemplar Maria, entronizada em glória ao lado de seu Filho divino, denominando essa como “Mãe da Igreja”, indicando a necessidade dos fieis de pedirem ajuda a mesma para se manterem fieis à liberdade real que esses receberam no dia de seu Batismo, ato muito interessante de ser dito, uma vez que a Bíblia é ensinado que “Deus é nosso refúgio e força, um auxílio muito presente em problemas” (Salmo 46: 1).
* Ao louvar Maria, disse que “nela, todas as promessas de Deus foram provadas o que a torna digna de confiança”. Na verdade, a Bíblia diz que "todas as promessas de Deus encontram o seu sim nele” (Coríntios 1:20).
* Em sua invocação final ditou “e agora, juntos, confiemos as nossas Igrejas e o continente asiático a Nossa Senhora, para que essa, como Mãe, nos ensine o que só uma mãe pode ensinar: quem és, o que Seu nome é, como se unir de modo positivo com outras pessoas no decorrer da vida. Vamos todos rezar a Nossa Senhora”, sendo, novamente, a maternidade de Maria fortemente enfatizada ao ponto de atribuir a descoberta da identidade humana nela, ao invés de Cristo, que salva e cede novo nome ao ser, ato esse que indica que Maria se une a Cristo podendo essa se equivaler em seu lugar.

Assim, fica evidenciado como a lógica da Mariologia Católica será operada segundo o Papa Francisco: com foco no Vaticano II levando o que pertence a Cristo a ser estendo à sua mãe, mesmo que a Bíblia não prescreva, diretamente, tal extensão.

Ao retornar a Roma, após o longo vôo da Coréia, o Papa Francisco parou na basílica de Santa Maria Maior, para agradecer a Maria pelos resultados bem sucedidos de sua viagem à Ásia. Em suma, as ações de referido Papa, desde seu primeiro dia no comando da Igreja Católica Romana, evidenciam sua devoção por Maria, o que explica sua linguagem e atitude “evangélica”, aparentemente bíblica, de sempre fazer ressoar pensamentos e vivencias dentro de um quadro mariano.

Santos (2015) e Dogness (2015) lembram que a visita do Papa Francisco a Coréia foi somente um dos muitos exemplos de como esse entende e expressa a Mariologia, em face ao segundo Concílio Vaticano, sendo sua devoção mariana uma das marcas definidoras de sua espiritualidade. Desde seus primeiros atos como Papa até seus discursos e práticas diárias, a teologia mariana tradicional é básica em sua cosmovisão católica. Para os ouvidos evangélicos, sua linguagem pode, por vezes, parecer centrada em Cristo e orientada para a missão, mas essas aparentes ênfases do evangelho estão sempre organicamente relacionadas a um forte marianismo que envolve a narrativa e a experiência religiosa do Papa. Um bom exemplo de tal Marianismo ocorreu em um encontro com os seminaristas em Roma em 13 de maio de 2014, onde ao responder às suas perguntas sobre vários temas, o Papa fez alguns comentários interessantes sobre o quadro mariano que sustenta a sua teologia da vida cristã, tais como:

* Comentando a necessidade de vigilância em tempos de confusão pessoal, Francisco evoca o conselho dos Padres russos de correr “sob o manto da Santa Mãe de Deus”. Esta proteção mariana - lembra o Papa - também faz parte da liturgia, na qual os fiéis declaram encontrar refúgio sob o “*presidium*” de Maria. Assim, para um sacerdote não orar a Maria em tempos de dificuldade é para ele ser como um “órfão”. Quando em apuros a primeira coisa que uma criança faz é procurar sua mãe, assim também deve acontecer no reino espiritual. É vital destacar que a obra mediadora de Jesus Cristo e sua total compreensão de nossas necessidades é, no contexto indicado do Papa Francisco, totalmente ignorado sendo subsumido esse a proteção de Maria, que é a mãe cuidadosa daqueles que procuram Socorro. Enquanto o salmista pode clamar “só a Deus, minha alma, espera em silêncio, pois a minha esperança vem dele” (Salmo 62: 8), o conselho do Papa Francisco é busque pelo “manto” de Maria.
* A cerca da ligação entre a maternidade de Maria e a maternidade da Igreja. Segundo o Papa Francisco, aqueles que têm um bom relacionamento com Maria serão ajudados a ter um bom relacionamento com a Igreja e até mesmo com suas próprias almas. Novamente se nota uma forte ênfase na maternidade que percorre a cosmovisão mariológica do Papa. Aqueles que não têm um bom relacionamento com Maria (supondo que isso significa orar a ela – Maria - confiar nela e buscar sua ajuda) são como “órfãos”. A Bíblia, no entanto, ensina que um bom relacionamento com a Igreja só é possível através da cabeça da Igreja, isto é, Jesus Cristo, e isso vem através do Espírito Santo (1 Coríntios 12). O Papa Francisco, por outro lado, tem uma maneira “maternal” de indicar como se conseguir esse relacionamento bom/ correto.